

Informação e educação: parceria para inclusão social

Isa Maria Freire

Doutora em ciência da informação. Pesquisadora do Ibict. Líder do grupo de pesquisa informação e inclusão social (CNPq).
E-mail: isa@ibict.br

Resumo

Apresenta um quadro teórico para reflexão sobre as relações entre informação e educação na formulação de políticas públicas para inclusão social. Discorre sobre o valor da informação na sociedade contemporânea, o cenário político e cultural de emergência da ciência da informação e as competências em informação e em educação. Propõe a parceria entre informação e educação, de modo a desenvolver competências para o ensino, em professores, e para aprendizagem, nos alunos.

Palavras-chave

Inclusão social. Políticas públicas. Competências em informação. Competências em educação. Ciência da Informação. Educação.

Information and education: partnership to social inclusion

Abstract

This paper presents a theoretical approach to reflection on the relationships that exist among information and education in the process of formulating public policies for social inclusion. The value of information in modern society is discussed, as well as the political and cultural scenario for the emergence of Information Science and the required competencies in information and education. A partnership between information and education is proposed, aiming at the development of teaching competencies for the teachers, and learning competencies for the students.

Keywords

Social inclusion. Public policies. Information literacy. Educational competence. Information Science. Education

É a partir da segunda metade do século XX que encontramos os indícios que caracterizam a informação como fator-chave da economia.¹ Este período é marcado pelo grande fluxo de informação oriundo das transformações econômicas e sociais causadas pelas duas guerras mundiais. Era necessário gerenciar e controlar o grande volume de informação, estocar e caracterizar seu conteúdo, bem como priorizar o atendimento às comunidades científicas e tecnológicas. Foi um momento de grande inovação e produção de tecnologias digitais para processamento e recuperação da informação armazenada em bases de dados.

A ciência da informação surgiu nesse cenário onde a grande preocupação era organizar o enorme volume de informação produzida e disponibilizá-lo utilizando os mecanismos e tecnologias acessíveis na época. Mas, atualmente, como esclarece Castells,

... as tecnologias não são [mais] simples ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Desta forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia, como no caso da Internet. Segue-se uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (forças produtivas) (CASTELLS, 1999, p.50-51).

Em decorrência dessa proximidade entre os processos culturais e produtivos, na sociedade contemporânea as tecnologias da informação e da comunicação não são apenas instrumentos técnicos no sentido

¹ “[Pois] na emergência de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno das tecnologias de informação, mais flexíveis e poderosas, a informação, embora tenha sempre desempenhado papel crucial para a economia, torna-se, agora, o próprio produto do processo produtivo” (CASTELLS, 1999, p.89).

tradicional, mas “feixes de propriedades ativas”, algo tecnologicamente novo e diferente.²

Abordando a questão da informação na sociedade contemporânea, González de Gómez (2002) destaca a necessidade de situar os acontecimentos e processos (culturais, organizacionais, produtivos, políticos) em diferentes planos de integração, considerando a complexidade dos elos que entrelaçam o local e os mundos externos, em todas as suas manifestações. Para a autora, as ações dos atores sociais que trabalham com a informação deveriam ser estratificadas de modo a promover os fluxos de informação em todos esses diferentes planos.

Outro aspecto importante remete à necessidade de uma análise e redefinição dos espaços de informação sob as condições e impactos da globalização. Pois para ser uma mediadora eficaz, a informação deveria ser considerada um bem social a ser compartilhado, assim como educação, saúde ou infra-estrutura de transportes. Por isso mesmo, o acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação deveria ser visto como elemento fundamental nas políticas públicas.

Hoje, já sabemos que os elementos necessários para a chamada ‘inclusão digital’ não devem contemplar apenas o acesso físico à rede Internet e computadores, mas, especialmente, a capacitação das pessoas para utilizar estes meios de comunicação da informação e, principalmente, criar oportunidades de compartilhamento e criação digitais, ou seja, a produção de “conteúdos”. Nesse sentido,

A forma de se proporcionar este acesso deve estar integrada às condições locais existentes, em termos de suas organizações, tanto quanto em seus referenciais culturais. Centros de produção, criação e compartilhamento cultural (e de acesso à rede) devem estar integrados a associações comunitárias, centros religiosos, igrejas etc. (LAZARTE, 2000, p.48)

² Para Assmann, “está acontecendo um ingresso ativo do fenômeno técnico na construção cognitiva da realidade ... Doravante, nossas formas de saber terão um ingrediente ... derivado da ... parceria cognitiva com as máquinas, que possibilitam modos de conhecer anteriormente inexistentes” (ASSMANN, 2000, p.23).

Acrescentamos as escolas, aceitando o convite de Castells para “dar um passo adiante” na exploração das possibilidades de uso das tecnologias digitais (CASTELLS, 2003, p.211).

No campo da ciência da informação, Marteleto situa a escola como um

um *locus* privilegiado para o estudo das práticas informacionais e para uma visão da institucionalização e funcionamento de nosso mundo cultural (MARTELETO, 1995, p.72).

Nessa perspectiva, “a comunicação e a interação pessoais, o acesso e a troca de informações que podem levar à mudança [e] à possibilidade, enfim, de reflexão”, são fatores que distinguem o campo pedagógico de outros espaços de produção e uso da informação (MARTELETO, 1995, p.79). É assim que, no campo científico da informação, é possível abordar o professor como ‘agente social’ no processo de “transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitam” (WERSIG; NEVELING, 1975, citados por FREIRE, 2004).

O professor teria função de mediador na comunicação entre usuários que necessitam de conhecimento no seu processo de desenvolvimento pessoal e social, e os estoques de informação acumulados e disponíveis na sociedade. É nesse sentido que Belluzzo, abordando a questão da educação na sociedade da informação, destaca aquela que deveria ser a principal competência dos professores no processo de ensino-aprendizagem: “fluência científica e tecnológica [ou seja,] saber utilizar a informação, criando novo conhecimento” (BELLUZZO, 2001)³. Nesse contexto, os professores precisariam constantemente estar envolvidos em atividades de atualização profissional e interagir com diferentes realidades e culturas – especializar-se no sentido de estar em contato com as mudanças do mundo real, para modernizar e democratizar o sistema educativo.

³ A American Library Association define como ‘competente em informação’ a pessoa capaz “de reconhecer quando a informação é necessária e [que tem] a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente esta informação” (ALA, 1989).

No campo da educação, Perrenoud (2000) ressalta a importância de os professores estarem sempre atualizados, propondo dez competências necessárias para reflexão e orientação na prática pedagógica.⁴ A oitava dessas competências diz respeito à utilização de novas tecnologias e propõe quatro atitudes fundamentais para o ensino: utilizar editores de textos; explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos de ensino; comunicar-se a distância por meio da telemática; utilizar as ferramentas multimídia no ensino. Caberia aos professores a busca da atualização e envolvimento com os recursos tecnológicos de informação e conhecimento, bem como atuar como um usuário alerta, crítico e conhecedor dos recursos que facilitam o trabalho intelectual.

Assim, também no âmbito educacional é possível perceber a relevância de uma parceria entre informação e educação, pois na verdade as salas de aulas também são espaços de informação e conhecimento. E de que modo essas áreas científicas e os profissionais que nelas atuam poderiam se (re)unir, em prol da disseminação das competências em informação na educação?

Primeiramente, [será] necessário que os professores tenham, em sua prática, um maior contato com as bibliotecas, para estarem mais preparados no momento do incentivo aos alunos. Em seguida, levar as crianças freqüentemente ao espaço bibliotecário também é função primordial deste professor, assim como propor, junto aos bibliotecários da escola, atividades [educacionais] regulares em tal ambiente (MOURA, 2006, p.58).

Uma das etapas da estrutura formal do ensino deveria ser a alfabetização informacional apoiada em tecnologias digitais de informação e comunicação,

desde o ensino fundamental, de modo a produzir conteúdos digitais compatíveis com a proposta política pedagógica da instituição. Para isso, os currículos educacionais deveriam estimular o acesso e uso de bibliotecas e meios digitais de busca e recuperação de informações relevantes, considerando a informação como aspecto importante e indissociável da educação. Pois 'informar', no ambiente escolar, não significa apenas buscar e recuperar informações julgadas relevantes no processo de aquisição de conhecimentos, mas, especialmente, envolver-se profundamente com o processo de busca e utilização do conhecimento representado pela informação, em um dado momento de aprendizagem.

Esta é a nossa visão do professor como agente de socialização da informação, compartilhando com outros profissionais a responsabilidade de transmitir o conhecimento para usuários que dele necessitem nos respectivos processos de desenvolvimento pessoal e social.

Nesse contexto, uma parceria entre informação e educação pode fazer a diferença no desenvolvimento do processo educativo e do ensino, contribuindo para o movimento pela democratização do acesso às tecnologias de produção e comunicação da informação. É nessa parceria que reside nossa esperança para inclusão social e cognitiva das classes desfavorecidas economicamente – e para ela deveria convergir nosso esforço coletivo na formulação de políticas públicas que contemplem as competências em informação na educação.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BELLUZZO, R. C. B. A information literacy como competência necessária à fluência científica e tecnológica na sociedade da informação: uma questão de educação. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA UNESP, 7., 2001, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: UNESP, 2001. Disponível em: <<http://www.simpep.feb.unesp.br/ana8.html>>. Acesso em: 23 fev. 2002.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v.1).

⁴ 'Competência', para o autor, refere-se "à capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações" (PERRENOUD, 2000, p.101). As competências propostas por Perrenoud são organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; **utilizar novas tecnologias**; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; administrar sua própria formação contínua (PERRENOUD, 2000).

Informação e educação: parceria para inclusão social

- _____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- FARRADANE, J. Knowledge, information and information science. *Journal of Information Science*, v. 2, 1980.
- FREIRE, I. M. A responsabilidade social da ciência da informação na perspectiva da consciência possível. *DataGramaZero*, v.5, n. 1, 2004.
- _____; FREIRE, G. H. de A. Navegando a literatura: o hipertexto como instrumento de ensino. *Transinformação*, v. 10, n. 2, maio/ago. 1998.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da Informação*, v. 31, n. 1, 2002.
- LAZARTE, L. Ecologia cognitiva na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 2, 2000.
- MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare*, v. 1, n. 2, 1995.
- MOURA, P. de O. Xavier. *Competências no ensino superior*. 2006. Monografia (Esp. Docência Ensino Superior)- Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2006.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. *The Information Scientist*, v. 9, n. 4, 1975.